

NO ESPLENDOR DO SERINGAL CALAMA: RELAÇÕES SOCIAIS, CONFLITOS E RESISTÊNCIA ÉTNICA

Data de Submissão: 04/02/2025

Data de aceite: 05/03/2025

José Maria Leite Botelho

Doutor em Educação. Professor
aposentado da Universidade Federal de
Rondônia UNIR. Porto Velho, Rondônia

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar informações novas sobre a origem do povoado e do nome Calama. Se propõe ainda a demonstrar que, na economia da borracha, Calama participava de alianças matrimoniais e de compadrismo colaborando para a formação de diferentes relações de poder político, econômico e social entre os proprietários dos grandes seringais. A pesquisa, realizada no ano de 2024, se insere no campo da pesquisa documental mediada pela pesquisa bibliográfica. O estudo identificou duas versões divergentes, entre si, sobre a origem do nome e, do povoado; identificou ainda a linha de sucessão de proprietários do Seringal Calama. Os resultados desta pesquisa sugerem novos estudos e novas reflexões sobre a origem do nome e do povoado Calama, a fim de contribuir para a construção da história dessa localidade.

PALAVRAS-CHAVE: Calama. História. Seringais. Borracha. Economia.

IN THE SPLENDOR OF THE CALAMA RUBBER PLANTATION: SOCIAL RELATIONS, CONFLICTS AND ETHNIC RESISTANCE

ABSTRACT: This article aims to present new information about the origin of the town and the name Calama. It also aims to demonstrate that, in the rubber economy, Calama participated in matrimonial alliances and cronyism, contributing to the formation of different political, economic and social power relations among the owners of the large rubber plantations. The research, carried out in 2024, falls within the field of documentary research mediated by bibliographic research. The study identified two divergent versions, between them, about the origin of the name and the town; it also identified the line of succession of owners of the Calama Rubber Plantation. The results of this research suggest new studies and new reflections on the origin of the name and the town of Calama, in order to contribute to the construction of the history of this locality.

KEYWORDS: Calama. History. Rubber plantations. Rubber. Economy.

EN EL ESPLENDOR DE SERINGAL CALAMA: RELACIONES SOCIALES, CONFLICTOS Y RESISTENCIA ÉTNICA

RESUMEN: Este artículo pretende presentar nueva información sobre el origen del pueblo y el nombre Calama. También se pretende demostrar que, en la economía del caucho, Calama participó en alianzas matrimoniales y clientelismo, contribuyendo a la formación de diferentes relaciones de poder político, económico y social entre los propietarios de grandes plantaciones de caucho. La investigación, realizada en 2024, se enmarca en el campo de la investigación documental mediada por la investigación bibliográfica. El estudio identificó dos versiones divergentes sobre el origen del nombre y de la localidad; También se identificó la línea de sucesión de propietarios de Seringal Calama. Los resultados de esta investigación sugieren nuevos estudios y nuevas reflexiones sobre el origen del nombre y del pueblo de Calama, con el fin de contribuir a la construcción de la historia de esta localidad.

PALABRAS CLAVE: Calama. Historia. Plantaciones de caucho. Goma. Economía.

INTRODUÇÃO

A produção da borracha natural patrocinou profundas transformações políticas, econômicas, sociais e espaciais na amazônia brasileira. Além da formação de dezenas de cidades e povoados localizados às margens dos rios amazônicos, as cidades de Belém e Manaus se transformaram em centros regionais de grande importância econômica e política no cenário nacional e internacional. Cidades como Borba, Manicoré e Humaitá situadas às margens do grande rio Madeira ligavam as casas aviadoras aos seringais. Grandes seringais como Calama, no Amazonas e, Tabajara, no Mato Grosso se firmaram como grandes produtores da borracha e de outros produtos originários do látex, em receptores e dispersores de trabalhadores no âmbito dos seringais.

A produção gomífera originou uma extensa rede comercial que incluía bancos, casas de crédito, casas de aviação e uma rede de transportes que movimentava milhares de trabalhadores. Na economia da borracha, banqueiros, industriais, comerciantes do regatão, seringalistas, cafetões e cafetinas enriqueceram ou sobreviveram à custa da exploração do trabalho do seringueiro.

A desvalorização da borracha natural no mercado internacional, no entanto, gerou a grande crise que se abateu sobre aquele grandioso ramo comercial, levando-o ao esfacelamento. Os seringais perderam a importância de outrora e pouco a pouco foram sendo abandonados. Com o abandono de seringais do vale do rio Ji Paraná, muitas famílias vindas desses seringais, ao chegar em Calama fixavam ali suas residências, enquanto outras regressavam para seus estados de origem.

No curso dos anos de 1960/70, vários projetos de colonização dirigida e processos migratórios incentivados pelo poder público, destinados ao povoamento do então Território Federal de Rondônia, ocuparam terras de antigos seringais localizados no vale do rio Ji Paraná dando origem a cidades como Ji Paraná, Pimenta Bueno, Jarú, Machadinho d'Oeste, entre outras, como Ariquemes, no rio Jamari.

Este este artigo está organizado nas seguintes seções: 1. Introdução; 2. Relações sociais e conflitos no Seringal Calama na economia da borracha - enfatiza que, no apogeu da produção gomífera, Calama vivenciou relações sociais formando alianças matrimoniais e de compadrismo; conflitos de trabalho entre seringueiros e patrões e ataques do povo Parintintin; 3. No Esplendor do Seringal Calama - é uma transcrição da entrevista cedida no dia 11 de maio de 1947, pelo Senhor Carlos Miguel Asensi, um dos antigos proprietários do Seringal Calama, ao Repórter Aducto Rocha, do Jornal do Comércio, da cidade de Manaus. Asensi, relembra que, no apogeu da produção da borracha o Seringal Calama representava um ponto avançado de civilização e progresso das terras amazonenses, afirmando que, lá tudo era soberbo e grandioso; 4. Revelando segredos - destaca trechos da entrevista, nos quais, Asensi enfatiza a grandeza do Seringal Calama, destacando-o como o maior produtor de elementos econômicos já produzidos para o Amazonas; 5. Uma releitura sobre a origem do nome e do povoado Calama - apresenta uma versão botânica e uma versão histórica como elemento ou fato que deu origem ao nome Calama. Busca, nesse sentido, dialogar com os historiadores Abnael Machado de Lima, Yeda Borzacov, Rosa e Carlos Asensi, entre outros, citados ao longo deste artigo, com objetivo de mitigar novas reflexões e contribuir para a construção da história Calama; 6. Considerações Finais; e, 7. Referências.

RELAÇÕES SOCIAIS E CONFLITOS NO SERINGAL CALAMA NA ECONOMIA DA BORRACHA

Segundo os historiadores Abnael Machado de Lima e Iêda Borzacov, Calama localizada à margem direita do rio Madeira, próximo a foz do rio Ji Paraná ou Machado, foi fundada por seringueiros bolivianos no final do Século XIX, estando entre as localidades que se formaram as margens do rio Madeira, entre os anos de 1840 a 1920 e se estabeleceram em torno da produção e do comércio da borracha. A importância dessa localidade para o contexto histórico e político reflete-se em dois momentos de grande significado: como sede do Seringal Calama, status que manteve até a desativação dos últimos seringais; como sede do Distrito de Calama, criado em 1945, quando foi elevada a categoria de Vila. A Figura 1 mostra parcialmente a parte frontal de Calama, destacando-se a Casa Paroquial, uma construção do período da borracha (demolida nos anos de 1990) e a Igreja de São João Batista.

Esta seção enfatiza que, o Seringal Calama participava da formação de alianças matrimoniais e, de compadrismo forjadas nos ciclos econômicos da borracha, possibilitando aos grandes proprietários de seringais o exercício de formas diferentes de poder econômico, político e social; vivenciava conflitos entre seringueiros e patrões pelo recebimento dos saldos obtidos na produção da borracha e, conflitos pela disputa do espaço e do território, entre o povo Parintintin e moradores de Calama.

São fragmentos que enfatizam a economia da borracha como produtora de histórias, riqueza, sonhos, esperanças, realizações e de toda sorte de desventuras humanas vivenciadas na solidão dos seringais. São fragmentos históricos que contribuem para entender a importância do Seringal Calama no contexto da economia gomífera, como um dos maiores produtores de riquezas do estado do Amazonas.



Figura 1: Vista Parcial de Vila Calama

Fonte: Autor desconhecido

O povoado sede do Seringal Calama, começou a se formar no contexto do Primeiro Ciclo da Borracha¹ (1870-1912), firmando-se como um importante porto do comércio da borracha. A importância de Calama para o comércio da borracha começa pela sua localização geográfica, estrategicamente construída na parte final de uma área de terra firme², à margem direita do rio Madeira, próxima da foz do rio Machado.

Sua localização em área de terra firme favoreceu a instalação de um porto organizado com capacidade para receber a produção seringueira, oriunda do vale do rio Machado e exportá-la aos centros consumidores. A instalação desse porto, na sede dos seringais da firma Ramon Rocca, Asensi & Cia e Família Monteiro, gerava grande movimentação em torno do comércio da borracha e de outros produtos da floresta, aliado ao vai e vem de pessoas que iam ou vinham dos seringais transformou Calama em porta de entrada para a região produtora da goma elástica e em porta de saída para as cidades de Humaitá e Manaus.

Calama, como enfatiza Botelho (2016), sempre representou um ponto de orientação e apoio para aqueles que iam ou saíam dos seringais, um porto movimentado de parada obrigatória para quem descia ou subia o rio Madeira.

1. O Primeiro Ciclo da Borracha (1870-1912) foi um período da mais alta importância para a história política, econômica e social da Amazônia e do Brasil.

2. Ao final da área de terra firme, onde, a atual vila Calama está assentada prossegue um terreno de várzea que se estende pelas margens do rio Machado.

Conforme destaca,

na época áurea da borracha era o porto seguro dos migrantes rumo aos seringais. Para aqueles que vinham dos seringais representava a certeza de um retorno à Manaus ou Belém. Para aqueles que a escolheram como lugar de residência encontraram a calma e o calor humano de seu povo (BOTELHO, 2016, p. 221).

A mesma condição, que transformou Calama em um local de grande importância econômica e política para o estado do Amazonas, também a colocou no centro de uma disputa entre os estados do Mato Grosso e do Amazonas. Como relatado por Nascimento (2017), nos anos finais do Império e nos anos iniciais da República a arrecadação de impostos matogrossenses e amazônicos estava centrada na produção da borracha. A busca pelo aumento da arrecadação desencadeou uma disputa política entre as províncias (depois estados) do Mato Grosso e do Amazonas, pela posse de uma área produtora, cujos limites territoriais ainda não havia sido claramente definidos.

A área pleiteada pelos estados do Mato Grosso e Amazonas, de acordo com o mapa elaborado por Nascimento (2017, p. 59) e demonstrado na Figura 2, correspondia: ao norte, em linha reta, ao limite atual entre os estados de Rondônia/Amazonas, seguindo até a margem esquerda do rio Tapajós; ao sul, também em linha reta, da altura da foz do rio Abunã, no rio Madeira, fronteira natural entre o estado de Rondônia (BR) e a Bolívia, estendendo-se até a margem esquerda do rio Tapajós. A oeste, desde Calama seguindo a margem direita do rio Madeira até a foz do rio Abunã; a leste, seguindo a margem esquerda do rio Tapajós.

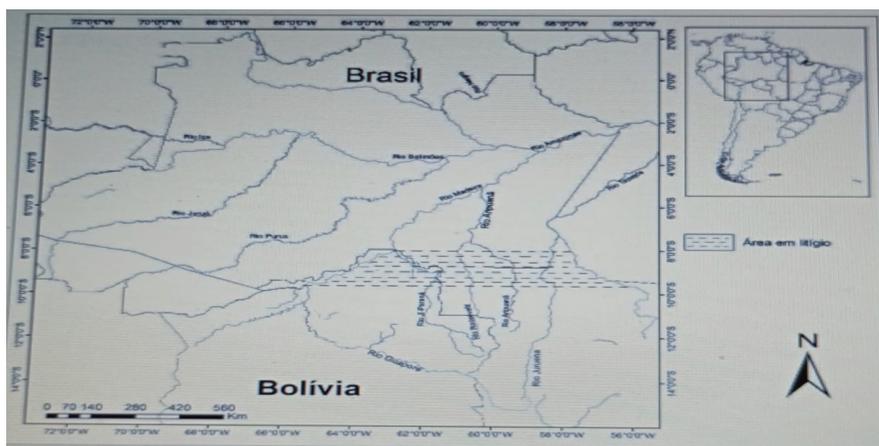


Figura 2 – Área pleiteada por Mato Grosso e Amazonas

Fonte: Nascimento, 2017

A alegação da Província do Mato Grosso centrava-se na possibilidade de que, grande parte da borracha que chegava e saía do porto de Calama contabilizada como produção amazense era produzida em seringais localizados no vale do rio Machado, em terras matogrossense. A inexistência de limites, claramente definidos, entre as duas províncias, sobretudo, da área litigiosa, implicava divergências, por parte do Mato Grosso, em relação a origem da borracha que chegava e saía do porto de Calama. Sob essa alegação, Mato Grosso mandou instalar uma coletoria de imposto em Santo Antônio do rio Madeira e duas agências fiscais, uma na foz do rio Machado e a outra na foz do rio Jamari.

A instalação dessa coletoria e das agências fiscais, pelo estado do Mato Grosso, deu origem a Ação Judicial N.º 4, de 27 de julho de 1896, movida pelo estado do Amazonas contra aquele Estado. A referida ação judicial culminou, entre os anos de 1910 e 1919, na instalação de quatro marcos divisórios, sendo um na Cachoeira de Santo Antônio, com coordenada geográfica de 8º e 48' em Santo Antônio do Madeira; um à margem direita do rio Candeias, um à margem esquerda do rio Jamari, um à margem direita do rio Preto, afluente do rio Machado e outro, à margem esquerda do rio Machado.³ A Figura 3 mostra a solenidade de leitura da Ata de instalação do marco divisórios entre os Estados do Amazonas e Mato Grosso, a jusante da Cachoeira de Santo Antônio (submersa pelas águas do lago da Hidrelétrica de Santo Antônio), no rio Madeira, próxima a atual cidade de Porto Velho.

A disputa pela demarcação de limites entre esses estados, segundo Nascimento (2017), foi importante para compreender o debate criado em torno da política fiscal, uma vez que, as principais fontes de receita de Mato Grosso e Amazonas estavam centradas nos produtos exportados. Desse modo, deve-se assinalar que questão de limites territoriais entre Mato Grosso e Amazonas que, exigiu a intervenção federal para a fixação de marcos divisórios estava atrelada, mais a disputa pelo aumento da arrecadação de impostos do que, propriamente pela necessidade de demarcação de limites territoriais.



Figura 3 – Marco divisório entre Mato Grosso e Amazonas, na Cachoeira de Santo Antônio, no rio Madeira

Fonte: Nascimento 2017

3. NASCIMENTO, L. B. Mato Grosso e Amazonas na disputa pela extração da borracha no Vale do rio Madeira (1970-1920). Cuiabá: UFMT, 2017. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Mato Grosso.

É notório que, o aumento da área produtora significava maior produtividade e maior arrecadação, para ambos os estados e maior riqueza para os grandes proprietários de seringais. A riqueza gerada pelo comércio da borracha forjava uma classe social elitizada mediada pela constituição de alianças matrimoniais e de alianças de compadrismo e de apadrinhamento, entre as famílias mais ricas. A constituição desses laços permitia o fortalecimento econômico, político e social dessas famílias, ao mesmo tempo em que, possibilitava aos seus membros ocupar funções estratégicas e exercer influências políticas no âmbito do poder local ou regional.

Rosa (2019), enfatiza que, as trajetórias sociais dos filhos em relação a seus pais, davam-se através do casamento, onde com propósitos de ampliar as relações entre as famílias detentoras de prestígio político, econômico e social, novos vínculos de parentesco se constituíam. Conforme relata, o casamento dos filhos de proprietários de seringais e o apadrinhamento por pessoas que detinham poder político e econômico local com influência regional ilustra bem o processo de formação desses vínculos sociais como questões importantes para a manutenção do poder político na Amazônia do século XIX.

Um dos exemplos citados por Rosa (2019) é o da família de José Francisco Monteiro, rico seringalista e fundador da cidade de Humaitá, no Amazonas. A família Monteiro, segundo Rosa (2019) e Leal (2013), realizou enlaces matrimoniais e de compadrismo ou de apadrinhamento com outras famílias, também detentoras de prestígio político na região de Humaitá, no rio Madeira. O casamento de Alexandre Roque (ou Roca) e Maria Candelária Estremadoiro é visto por Rosa (2019), como um exemplo de formação de novos vínculos sociais por aliança matrimonial e apadrinhamento. Segundo essa autora, os noivos, Alexandre Roque (ou Roca) e Maria Candelária Estremadoiro, ambos filhos de donos de seringais casaram-se no dia 18 de março de 1888.

Como descrito,

o noivo era filho de Ramon Roque (Roca), proprietário do seringal Calama um dos mais produtivos da região, instalado próximo a foz do rio Machado. A noiva pertencia a família Estremadoiro, proprietários de inúmeros seringais no alto rio Madeira. Enfim, ambos eram bolivianos, proprietários e filhos de proprietários de seringais no rio Madeira. Tiveram como testemunhas de casamento José Francisco Monteiro, José Gusmão da Silva Amaral, Dona Maria Machado Gusmão e Dona Maria Conceição Monteiro da Costa (ROSA, 2019 p. 136).

Em síntese, essa descrição ilustra a importância econômica, política e social que o casamento, entre membros de famílias ricas e o apadrinhamento por outras famílias ricas e politicamente influentes, representava na sociedade da borracha na região madeirense do século XIX. Como ilustrado neste fragmento, o casamento de Alexandre Roque (ou Roca) e Maria Candelária Estremadoiro, filhos de proprietários de grandes seringais representava, de um lado, além da formação de um novo clã, com características e possibilidades de união e de crescimento de riquezas, semelhantes às de seus pais, significava uma forma de ingressar ou se manter no seletivo grupo de famílias detentoras de riquezas e de poder. De outro, ser apadrinhados pela família Monteiro, Monteiro da Costa e, Gusmão, representava o estreitamento de laços de amizade e o ingresso nos círculos de influências sociais e políticas dessas famílias.

Mas, se por um lado, a produção da borracha gerava a riqueza que impulsionava a constituição de vínculos sociofamiliares através do casamento e de apadrinhamento permitindo a expansão do poder político e econômico das famílias envolvidas, por outro, sua desvalorização no mercado internacional se encarregou de esfacelar laços políticos, econômicos e sociais organizados, arranjados e elitizados pela economia da borracha. A queda do preço da borracha no mercado internacional levou a derrocada de toda a rede de aviação que emergiu e se manteve em torno dos seringais, cujo lucro sustentava a existência das grandes casas comerciais e da elite manauara.

Leal (2013) enfatiza que, o enfraquecimento da indústria extrativa da borracha obrigou os proprietários de seringais a buscar alternativas para sobreviver a crise. Dentre as alternativas apontadas estavam a exploração dos castanhais e de outros produtos da floresta, a extração da madeira e a venda dos seringais.

A venda de seringais constituía-se, mais rapidamente na única alternativa para saldar dívidas ou para iniciar uma nova atividade comercial. É nesse contexto que, segundo Leal (2013), o Seringal Calama, de propriedade de Ramon Rocca, Asensi & Cia e a Família Monteiro, foi vendido por preços abaixo do valor de mercado, para a Firma de Manoel Corbacho & Cia LTDA. Em 1925, com o agravamento da crise e sem condições de manter os castanhais e seringais, a Firma Corbacho & Cia LTDA vendeu o referido seringal para a Firma Calama & Cia.

A crise econômica gerada pela desvalorização do preço da borracha no mercado internacional desencadeou um processo de abandono dos seringais por seus proprietários seguido paulatinamente por funcionários e seringueiros. Os seringueiros abandonados ou em vias de abandono exigiam, de seus patrões, o pagamento dos saldos, obtidos na produção da borracha. Conforme exposto por (LDJJA, 1923 apud Leal, 2013), em todo o Estado [do Amazonas]⁴ por quase a totalidade dos seringais havia levantes e desordens, os crimes se repetiam, assistia-se ao êxodo quase completo de trabalhadores do interior do Amazonas, para outros Estados. Segundo esses autores, “esses levantes, essas depredações, esses crimes eram praticados por massas compactas de seringueiros que, em desespero de causa, se revoltavam contra tudo e contra todos pela falta de seus pagamentos” (LDJJA, 1923, p. 48 apud LEAL, 2019, p. 242).

Com base no livro de Decisões e Julgados do Tribunal de Justiça do Amazonas, do ano de 1923, (LDJJA, 1923, p. 48 apud Leal, 2019) p. 242) cita um levante e o subsequente êxodo de seringueiros no seringal “Calama”, no rio Madeira:

em fins de 1922, no seringal Calama, situado na comarca de Humaitá, deu-se o levante e subsequente êxodo dos trabalhadores no serviço da extração da goma elástica, devido a baixa do preço deste produto e falta de pagamento de seus salários. Sabedora, aqui em Manaus, a Casa M. Corbacho & Cia, do que estava passando naquele seringal, fez para lá seguir um de seus sócios, Augusto César Fernandes, com o fim de pacificar e tomar as providências que o caso exigisse [...]. O coronel Augusto César Fernandes foi a Calama com o

4. Grifo nosso.

objetivo de negociar com os seringueiros e fazer com que eles voltassem ao trabalho o mais rápido possível. Chegando em Humaitá, entendeu-se com o primeiro grupo de seringueiros revoltados, que havia baixado de “Calama”, comprometendo-se a saldar todas as contas dos trabalhadores daquele seringal, e os aconselhou a regressarem a “Calama”, para lá se entenderem com os seus companheiros, também revoltados, e com aqueles que fossem encontrados na baixada. O resultado não se fez esperar, voltou a ordem e o trabalho em “Calama”, sendo aos seringueiros pagos os seus salários, retirando-se os que preferiram trabalhar em outras propriedades.

Além de conflitos entre seringueiros e patrões, ocorriam também conflitos entre seringueiros e indígenas, pelo uso dos recursos naturais no rio Madeira. Como citado por Leal (2013), a presença do povo Parintintin localizado na região do Maicy, também era motivo de preocupação para os moradores de Calama. Silveira (2007, p. 44 apud Leal, 2013 p. 150) destaca um ataque Parintintin aos seringais da poderosa firma Asensi.

[...] sabemos que no dia dez do mez findo, á plena luz meridiana um grande grupo desses indios ameaçou atacar (sic) o lugar denominado Calama, proximo a fóz do Machado, de propriedade dos nossos amigos Asensi & C. e onde funciona a Agência Fiscal do Estado, lançando flechas contra os habitantes dalli, demonstrando intuios de aggressão. (...) Felizmente, repellidos em tempo, fugiram para a mata (...) é de notar, que o Dr. Carlos Miguel Asensi, tem procurado por todos os meios conseguir captar as sympathias dos indios naquelle ponto, pondo em prática todos os meios, nada conseguindo entretanto.

Vieira Neto (2020), relata que, no início do século XX, a região do interior do Amazonas, na qual ocorreram os conflitos mais sangrentos e com mais intensidade de encontros mortais, entre seringueiros e índios foi a área do rio Madeira, onde habitavam os temidos índios guerreiros da etnia Parintintin considerados os mais hostis e ferozes contra a presença do homem branco em seu território. O povo Parintintin habitava uma área que ia da região leste do rio Madeira até a boca do rio Machado, a leste do rio Maici. Calama, o maior e o principal seringal da Firma Asensi estava localizado em área habitada pelos indígenas, sendo o alvo preferido dos Parintintins que por diversas vezes tentaram destruir o seringal. Vieira Neto (2020) enumera os seguintes ataques dos Parintintin ao Seringal Calama.

Conforme o relato de Vieira Neto (2020), no dia 14 de maio de 1909 os Parintintins atacaram a barraca São Pedro, localizada no fundo do seringal Calama. Não encontrando os trabalhadores incendiaram a barraca e levaram os utensílios dos seringueiros. Em março de 1911, os Parintintins cercaram Calama e atacaram de surpresa com flechadas, mas foram repellidos com tiros de espingarda. No dia 23 de agosto de 1918, quando o navio a vapor Madeira-Mamoré se encontrava atracado no porto de Calama, saiu da mata um grupo de 15 índios Parintintins. A população de Calama, que almoçava, se assustou com a inesperada visita e logo se armou de espingardas. Mas, minutos depois, os índios percorreram por Calama e lançaram flechas ao ar, dando gritos. Depois desapareceram sem molestar ninguém, entrando na selva. Um ano depois, no dia 23 de outubro de 1919, os Parintintins fizeram nova investida contra moradores de Calama, flechando o barracão central, porém mais uma vez foram repellidos com tiros.

Ao longo desta seção buscou-se enfatizar as relações sociais frutos de alianças matrimoniais e de apadrinhamento, os conflitos com suas vitórias ou derrotas vivenciadas nos anos finais do século XIX e na primeira metade do século XX, no Seringal Calama. Tais relações apontam sujeitos, declarados ou anônimos, mas igualmente protagonistas da história dos ciclos econômicos da borracha na Amazônia brasileira.

NO ESPLENDOR DO SERINGAL CALAMA

O texto desta seção é uma transcrição de uma entrevista cedida, no dia 11 de maio de 1947, pelo Senhor Carlos Asensi, um dos antigos proprietários do Seringal Calama, ao, do Jornal do Comércio, da cidade de Manaus. O Repórter Aducto Rocha esclarece que, depois de entrevistar o homem mais velho de Manaus, o que lhe serviu de estímulo para sua primeira reportagem sobre vultos e pessoas curiosas, da cidade, o citado repórter e sua equipe entrevistaram Carlos Miguel Asensi, um livreiro estabelecido na Av. Sete de Setembro, na cidade de Manaus.

Para Aducto Rocha, essa criatura sempre chamou sua atenção, sempre despertava algo de curiosidade, tal o seu tipo tal a sua maneira humana e social e o caracteriza como alguém que não se confunde com a generalidade de seus semelhantes, ressalta ao primeiro olhar de um observador da rua, de quem o contempla, assim, com a cabeça nevada e a fisionomia serena de um varão respeitável.

Numa tarde, escreveu o repórter, fomos encontrar esse homem, na sua Livraria, na Avenida 7 de Setembro. Começamos a olhar os livros, consultando, aqui e ali, os preços. Folheamos algumas páginas de Crime e Castigo e falamos da grandeza genial do Dostoyewiski, do sentido universalista das suas obras. Foi assim armado nosso pretexto, a nossa jornalística provocação para falar ao homem que nos haveria de revelar coisas interessantes de sua vida, do Amazonas e de outras terras distantes.

Estávamos conversando, pois, com o livreiro Carlos Miguel Asensi adiantamos-lhe o objetivo que nos havia conduzido até ali e que era escrevermos uma reportagem sobre a sua pessoa e a sua vida, desde que chegou ao Amazonas.

Carlos Miguel Asensi riu meio indiferente e surpreendido com nossa revelação. Convidou-nos a entrar até ao seu gabinete de trabalho, mandando-nos tomar assento ao seu lado. E com voz pausada e reverente, foi logo adiantando: - Sim, senhor, meu caro repórter, estou a sua disposição. Pode perguntar o que quiser.

- Em que parte da Espanha nasceu? Foi esta a nossa pergunta inicial!

- Em Madrid, no ano de 1867 a 5 de julho. Meu pai chamava-se Ricardo Asensi, também espanhol.

Sobre o bureau viam-se espalhados diversos livros. O nosso entrevistado pega de um volume e nos mostra, dizendo:

- Quando o senhor chegou, eu estava lendo este livro. A *Árvore que Chora*, romance da borracha, da autoria do escritor Vicki Bauns. Nesta obra, o autor fala da maneira precisa e admirável, de tudo quanto se refere ao látex. É um livro importante que se deve ler.

A sua conversa então vai deslizando rapidamente para o ponto das observações da crítica livresca. O velho Asensi, como é conhecido entre nós, faz referência ininterrupta de uma galeria imensa de autores e livros sendo interrompido, a certa altura, por mais uma pergunta que lhe fizemos:

- Pois não. Cheguei ao Brasil, a Manaus, portanto, há 52 anos. Minha primeira sorte de atividades, nesta terra que tanto estimo, foram desenvolvidas, em plena selva, explorando seringais, trabalho a que me dediquei com ardor e profundo sentido econômico e industrial.

- Calama foi o meu seringal, onde empreguei todo o meu esforço e toda a minha possível capacidade de organização e trabalho, a fim de produzir, como produzi a maior soma de elementos econômicos para o Amazonas.

Ao se referi a Calama o mais importante seringal que já existiu no Amazonas, pedimos que nos dissesse qual a significação desse nome.

- Calama, acentua o nosso entrevistado, o meu seringal foi chamado assim em homenagem a um importante feito histórico que se registou, certa vez no Pacífico.

Carlos Asensi não para de falar, cada vez mais entusiasmado e espontâneo estilizando as suas palavras, como senhor apreciável do pensamento. Expressa-se com aprumo e equilíbrio de quem sabe contornar perfeitamente a frase, [através de uma língua que não é sua].⁵

Quando deixou o seringal veio estabelecer-se, nesta capital, primeiro com uma casa de material musical, e que aos poucos, como ele nos afirma, foi se transformando em livraria, a começar de 1925. Ainda hoje, conservo o seu nome primitivo, que é Livraria Manaus Musical, pois a seu ver, a tradição representa o fundamento histórico das coisas.

Como a nossa entrevista começasse a se desviar para rumos bibliófilos, literários, perguntamos a Carlos Asensi qual o livro que lhe havia impressionado mais o espírito, durante toda a sua existência.

- Dom Quixote. Poderá morrer a Divina Comédia, porém esta obra concebida pelo gênio incomparável de Cervantes, jamais perderá a sua profundidade filosófica e humana, pois no Dom Quixote de La Mancha está a humanidade inteira. No entanto, sou um fanático da Divina Comédia, que a leio no original, pois só assim se poderá admirar a grandeza da obra.

O velho livreiro Asensi que é uma cabeça bem ilustrada, nos diz que tem lido muito, todos os livros que lhe chegam às mãos. Desde Mahabarati e Ramayana que escreveram poemas magníficos da literatura indiana. Informa que foi ele quem primeiro lançou em Manaus, o livro espanhol que despertou grande interesse no meio das intelectuais amazonenses, a tal ponto que chegou a vender, no primeiro ano 70 contos de réis só de livros editados em língua castellana.

5. Grifo nosso

Voltamos a falar do grande seringal Calama. Ele nos vai mostrando velhas fotografias, fixando aspectos raros que foi, tempos idos. Na Figura 4 é possível identificar o Armazém e uma casa, possivelmente um escritório local.



Figura 4 – Vista parcial de Calama - 1917

Fonte: gasparvieiraneto.blogspot.com

- Calama, no seu esplendor, plantados nas margens do Gy-Paraná ou Rio Machado, no Madeira. Tudo ali era soberbo e grandioso, desde as babilônicas construções de madeira de lei, ornamentação caprichosa e estética dos escritórios, até aos estaleiros, onde se fabricavam embarcações de todos os calados, para o transporte de mercadorias e borracha. - Hoje nada existe daquilo tudo, exclama saudoso o velho Asensi querendo recordar todo o esplendor do Seringal Calama. Na Figura 5 é possível observar uma construção com aspecto de lojas e ou escritórios.

- O senhor está vendo esta fotografia? Está vendo isto aqui?



Figura 5: Prédio de Escritórios em Calama - 1917

Fonte: gasparvieiraneto.blogspot.com 2020

Pois bem. Foi no meu tempo, uma farmácia, uma enfermaria. Naquele seringal, nós tínhamos médicos, farmacêuticos, enfermeiros, tudo ali existia, para socorrer os doentes, para lhes proporcionar assistência de toda sorte. Porque sempre compreendi que sem isto, nas selvas amazônicas principalmente, não se poderá fazer nada que signifique progresso.

E foi nos mostrando dezenas de retratos, uns bem vivos ainda, outros já meio descoloridos, daquilo que representou, um dia, o seu importante seringal, hoje transformado em ruínas. Sobre Calama, instalado há 50 anos passados na foz do Gy-Paraná⁶ foi confeccionado um filme intitulado Ouro Branco, por Asensi e Companhia, em Agosto de 1919, explicando o fabrico da borracha e do caucho, a colheita da castanha, paisagens das florestas amazonenses e exposição exata dos trabalhos e costumes daquele tempo. O velho livreiro, antigo magnata do seringal da borracha do Amazonas, nos fala disso com entusiasmo, revelando que fora ele quem primeiro organizara um trabalho de ampla divulgação das coisas da nossa terra, principalmente, sobre o nosso látex. Recordo o Coronel Rondon, a quem prestou relevantes auxilio, na instalação da rede telegráfica, na parte do Gy-Paraná.

A certa altura de nossa conversa, Carlos Aseni se volta para nós e frisa isto:

- O senhor, com toda certeza já leu alguma coisa sobre o que foi a expedição científica em que tomaram parte, em 1912, o atual General Cândido Rondon e o Coronel Theodore Roosevelt acompanhados de naturalistas brasileiros e americanos, não foi? Aquela expedição, que atravessou o imenso platô matogrossense acabou descendo o rio das Dúvidas. Depois de dezenas de dias baixando o rio com os maiores sacrifícios até de vidas, o velho ex- Presidente dos Estados Unidos da América do Norte, aportou à nossa região do Gy-Paraná, no Madeira. E o rio das Dúvidas, então, que teria sido explorado por Theodore Roosevelt, naquele tempo, ficou conhecido pelo nome do seu descobridor. Mas, quando Theodore passou por ali, nós com nossos seringueiros já conhecíamos uma grande extensão daquele rio chamado das Dúvidas...

Diante dessa revelação, perguntamos ao nosso entrevistado se conhecia o livro que o Coronel Theodore Roosevelt havia publicado, na América, ao retornar sua terra, sobre a memorável expedição científica, através dos sertões brasileiros. Ele, o nosso livreiro, não conhecia esta obra, que há mais ou menos 3 anos foi traduzida para o Português, graças a uma iniciativa do ex-Ministro Apolino Sales. A odisséia do Rio das Dúvidas aí está fixada com as tintas mais impressionantes de uma aventura através de regiões onde a morte se espalhava por toda parte. Carlos Asensi, com a idade respeitável que lhe pesa sobre a cabeça branca como neve, mas ainda é forte e jovial possuindo uma memória invejável. Gosta muito de literatura, filosofia também, e conhece muito bem o francês, inglês, Italiano, alemão e fala tupy-guarany. Forçamos a sua modéstia de velho que já não tem pretensões alardiantes de publicidade para conseguirmos arrancar esta revelação poliglótica da sua ilustração variada.

6. Calama está localizada à margem direita do rio Madeira. A afirmação "instalada há 50 anos na foz do Gy Paraná" é uma referência à proximidade desse rio.

- Conheço o guarani do Paraguai e o tupy-guarany que se fala no Brasil, no Amazonas, explica o velho livreiro. Acho que a diferença entre uma e outra reside mais na pronúncia e não essência. Os idiomas primitivos, como estes, tem harmonia imitativa, isto é, onomatopeica. No alemão, por exemplo, acentua Carlos Asensi. Encontra sempre essa harmonia glotológica. E concluindo a sua tese exemplifica:

- Por exemplo, o guarani ao fogo chama *tá tá* pois se colocando um galho verde no fogo logo que começa a ser expelido o ar, a semelhança dos tubos capilares, ele emite crepitante. Daí a expressão indígena *tá tá*.

A nossa conversa cabriola para todos os lados, enveredando no sentido de assuntos vários, pois o senhor do histórico seringal Calama quer falar de tudo, sobre uma diversidade estonteante de coisas e acontecimentos da sua vida, do seu passado. Diz que a maior indústria que poderia produzir imensa riqueza, a maior reserva econômica do Amazonas, ainda não foi explorada pelo homem. Seria a exploração, a industrialização do óleo comestível e combustível. Carlos Asensi nos adiantou que já estava preparando, há 30 anos atrás, uma viagem a América do Norte, com amostras de óleo de todas as espécies, extraídos, por intermédio de processos primitivos, de palmeiras silvestre.

Calama, que representava um ponto avançado de civilização e progresso das terras amazonenses, onde existiam escola, farmácias, médicos, hospitais, enfermarias, tudo mantido por iniciativa privada. Calama atraía também cientistas, projetaram, lá fora, não só as coisas da gleba, mas sobretudo do Brasil. Asensi nos fala de um naturalista alemão que certa vez lhe apareceu no seringal. Era um enviado do Museu Stetting, que vinha procurar um pássaro raro de nome *Pipera Wathareri*, que há muitos anos fora encontrado um único exemplar, entre o rio Aripuanã e o Gy Paraná, segundo presumia o naturalista germânico. Permaneceu em Calama por 5 longos anos e não lhe foi possível encontrar outro exemplar do pássaro que procurava.

A esse tempo, aparece Miss Harriet Bel Merrisll, taxidetermista americana do Museu Comercial de Filadélfia. Essa mulher, diz o nosso entrevistado, colecionou tudo o que se relacionava com as coisas das selvas. Eu aproveitando a permanência de Miss Harriet durante 3 anos no meu seringal e arredores do Gy-Paraná preparei uma exposição completa desde a borracha a pesca para ela levar para a América. Ao fim de poucos meses, diz o velho livreiro, eis que recebo um ofício do Museu de Filadélfia, informando-me que me tinha sido dedicada ali uma sala, especialmente para a exposição do mostruário de coisas amazonenses conduzida pela taxidermista Harriet.

No Museu de New York, também naqueles tempos quando foi organizada uma exposição permanente das coisas amazônicas e onde se viam, informa-nos Carlo Asensi, todos os utensílios da borracha, desde a barraca do seringueiro, defumadores, tijelinhãs, machadinhas, até o vulto de um seringueira esculpido, simbolizando o trabalhador das selvas. Diz ele que a sua maior satisfação foi um dia ler nos jornais do Rio de Janeiro, que uma caravana de estudantes brasileiros ao regressarem da excursão feita a New York e a

Filadélfia, haviam revelado á imprensa carioca grande alegria e entusiasmo por terem ele presenciado naquelas paragens estrangeiras, duas exposições importantes para o Brasil, como aquelas do Museu de Filadélfia e de New York. O velho senhor do maior seringal que já existiu no Amazonas, sente-se feliz e orgulhoso por isto.

- Fui eu quem concorreu revela-nos Carlos Asensi, para a primeira exposição de borracha realizada no Rio de Janeiro. Fui distinguido com uma medalha de ouro. Sei disso, porque me disseram, e li a notícia nos jornais, mas nunca vi nem de um binóculo, este presente.

Estávamos para concluir a nossa entrevista, quando Carlos Asensi fala pausadamente:

- Tenho bastante saudade do passado, de Calama, no seu esplendor.

Ele nos diz que a sua leitura atualmente, mais preferida é romance policial, por que isso o faz esquecer o um pouco do passado pela sensação da aventura e do imprevisto que encerram essas obras. Acha que tal preferência não deixa de significar uma natural decadência, um declínio intelectual para o infantil. Ele já é velho, como os velhos de sua idade vão se transformando em crianças de barba branca, nada mais natural do que ler novelas e romances policiais.

Assim acabávamos de falar com o homem que resume, na sua vida e no seu passado um capítulo sensacional do esplendor da borracha no Amazonas.

REVELANDO SEGREDOS

Carlos Asensi expõe aspectos importantes da história de Calama, um povoado que outrora, fora a sede dos seringais da Firma Asensi & Cia, da Firma de Manoel Corbacho & Cia LTDA e posteriormente da Firma Calama & Cia, da qual, ainda é propriedade. Uma leitura mais atenta da entrevista de Carlos Asensi, revela muito mais do que temos lido ou escrito a respeito de Calama. Nesta seção foram selecionados alguns trechos (da entrevista) com objetivo de mitigar aspectos reveladores do passado esplendoroso de Calama, a fim de, proporcionar maior compreensão e visibilidade de sua história.

Carlos Asensi define Calama como um seringal com autossuficiência na fabricação de embarcações para o transporte de mercadoria e borracha, destacando-o como o maior produtor de elementos econômicos do Amazonas.

Nas palavras de Carls Asensi,

tudo ali era soberbo e grandioso, desde as babilônicas construções de madeira de lei, ornamentação caprichosa e estética dos escritórios, até aos estaleiros, onde se fabricavam embarcações de todos os calados, para o transporte de mercadorias e borracha.

Sublinha a importância de Calama no contexto dos seringais revelando que, em seu mais importante seringal havia serviços e profissionais da saúde para. Ao mostrar uma fotografia ao repórter, desabafa:

Está vendo isto aqui? Pois bem. Foi no meu tempo, uma farmácia, uma enfermaria. Naquele seringal, nós tínhamos médicos, farmacêuticos, enfermeiros, tudo ali existia, para socorrer os doentes, para lhes proporcionar assistência de toda sorte. Porque sempre compreendi que sem isto, nas selvas amazônicas principalmente, não se poderá fazer nada que signifique progresso. E foi nos mostrando dezenas de retratos, uns bem vivos ainda, outros já meio descoloridos, daquilo que representou, um dia, o seu importante seringal, hoje transformado em ruínas.

Para Carlos Asensi, Calama, representava um ponto avançado de civilização e de progresso das terras amazonenses. Essas características (de civilização e progresso) podem ter contribuído para que cientistas internacionais buscassem em Calama um ponto de apoio para suas pesquisas. Asensi informa que, certa vez, um naturalista alemão, do Museu Stetting, foi enviado à Calama, para procurar um pássaro raro de nome *Pipera Wathareri*, o qual, nunca foi encontrado pelo naturalista.

Posteriormente uma taxidermista americana, de nome Miss Harriet Bel Merrill, do Museu Comercial de Filadélfia, dos Estados Unidos da América (EUA) esteve em Calama para estudar a vida nos seringais. O resultado foi uma exposição que projetou nos EUA, não só as coisas da gleba, mas sobretudo do Brasil, afirma Asensi.

Além desses cientistas estrangeiros, a expedição científica do General Cândido Rondon e do Coronel Theodore Roosevelt, ex-presidente dos Estados Unidos da América, acompanhados de naturalistas brasileiros e americanos, aportaram em 1912, na região do Gy-Paraná também estiveram Calama.

Uma questão da maior importância revelada por Asensi é sobre a origem do nome Calama. Asensi se referiu a Calama, como “o meu seringal chamado assim em homenagem a um importante feito histórico que se registou, certa vez no Pacífico.” No entanto, não revelou o evento, ao qual se referia, mas acendeu uma luz a respeito da origem do nome Calama. Estaria se referindo a Guerra do Pacífico, a sangrenta batalha de Topáter ocorrida na cidade boliviana de Calama?

Diante da grandeza do Seringal Calama, revelada na entrevista de Carlos Asensi surgem indagações sobre as construções babilônicas, de madeira de lei, da ornamentação caprichosa e da estética dos escritórios, informadas na entrevista. Por que, por quem e quando foram demolidas?

De fato, na década de 1960/70, com exceção do Armazém, que ainda resiste ao tempo, havia três construções com características semelhantes às descritas na entrevista de Asensi, conhecidas pela população como Chalé⁷, de propriedade de seringalista de nome Izaías de Miranda, um casarão de propriedade da família de Kaiser Melo, e uma construção, a qual denominei, por sua divisão, de casa três em uma. Nesta residia Alfredo Nunes de Melo, comerciante de pescado. Havia também uma construção, denominada de pensão, que servia como hospedaria. Todas essas construções, com exceção do Armazém, foram demolidas nas décadas de 1980 e 1990.

7. Conferi BOTELHO, J.M.L. Calama memórias históricas, geográficas e sociais. Porto Velho: Temática: 2021.

UMA RELEITURA SOBRE A ORIGEM DO NOME E DO POVOADO CALAMA

Esta seção tem por objetivo inserir informações novas, a respeito da origem do povoado, sobre quem, de fato, foram os seus fundadores, a origem do nome Calama e o ano em que esse seringal passou a ser a sede da Empresa Calama S.A. Nesse sentido busca estabelecer um diálogo entre os autores que escreveram a respeito dos temas informados, a fim de, mitigar reflexões que contribuam para a construção da história de Calama.

Borzacov (2007) afirma que, o povoado Calama foi fundado por caucheiros e seringueiros bolivianos, no final do século XIX. Tanto Lima {s.d.} quanto Borzacov (2007) afirmam que o nome Calama é uma referência a um tipo de palmeira denominada calâmea, muito abundante na foz do rio Ji Paraná.⁸ Lima {s.d.} afirma ainda que, em 1877 Calama passou a ser a sede da Empresa Calama S.A. Essas informações são fundamentais e têm sustentando a história e a identidade da atual vila Calama, como a sede de um dos mais produtivos seringais do estado do Amazonas, no Primeiro e no Segundo Ciclo da Borracha.

Sobre a fundação do povoado Calama, por caucheiros e seringueiros bolivianos no final do século XIX, como afirma Borzacov (2007) coincide com o período citado por Paula Souza Rosa, em sua Dissertação de Mestrado, intitulada *Os portugueses no rio Madeira: imigração, estratégias políticas e sociais (1840 – 1920)*. De acordo com Rosa (2019), Calama está entre as localidades que se formaram e se estabeleceram, as margens do rio Madeira, no decorrer do século XIX, intrinsecamente ligadas ao avanço da exploração gomífera e do comércio. Conforme relata, “devido a intensificação da economia da borracha foram formadas naquele período as localidades de Manicoré, Marmelos, Baetas, Pupunhas, Paraíso, Humaitá, Papagaios, São Roque [Calama], Abelhas, Santo Antônio e etc.” (ROSA, 2019, p. 13).

O nome Calama que, segundo Borzacov (2007) e Lima {s.d.} é uma referência a um tipo de palmeira denominada calâmea, muito abundante na foz do rio Ji Paraná está em divergência com Rosa (2019) e Asensi (1947). Na dissertação de mestrado defendida por Rosa (2019), na mesma localização da atual Calama aparece a denominação de Seringal São Roque, com o nome Calama escrito entre colchetes, indicando que a denominação São Roque foi, posteriormente, substituído pelo nome Calama. No Mapa da Amazônia organizado no ano de 1870 pela Amazon Steam Navigation Company Limited e utilizado por Rosa (2019, p.12)⁹, para demonstrar a rota de navegação regular a vapor, no rio Madeira consta a denominação de Seringal São Roque (Calama).

8. BORZAVOV, Y. Porto Velho, cem anos de história 1907-2007. Porto Velho: Primor Formes Gráfica e Editora, 2007; Cf. LIMA, A. M. Decadência dos vales dos rios Guaporé, Mamoré e Madeira (II). 2008. Disponível em: www.gentedeopinião.com.br

9. ROSA, Paula Souza. Os portugueses no rio Madeira: imigração, estratégias políticas e sociais (1840 – 1920) Dissertação (História Social da Amazônia) UFPA Belém, 2019.

Uma breve leitura do referido Mapa da Amazônia informa que o mesmo foi organizado no ano de 1870 pela Amazon Steam Navigation Company Limited e completado em 1893 por Luiz R. Cavalcanti de Albuquerque. O mapa destaca a rota de navegação pelo rio Madeira, representado pela cor verde, desde sua foz, no rio Amazonas até a confluência com o rio Beni, um de seus formadores. Identifica, na cor amarela, as localidades do Crato e Borba, como as únicas criadas, as margens desse rio, no Século XVIII.

O nome São Roque [Calama] parece ter relação com o nome de Ramon Roque ou (Roca), um de seus proprietários. Essa inferência, tem base em (Rosa, 2019 p. 136), quando se refere ao casamento de Alexandre Roque, filho de Ramon Roque (Roca), proprietário do seringal Calama, com Maria Candelária Estremadoiro, celebrado no ano de 1888.

Carlos Miguel Asensi, Figura 6, afirma que, ele mesmo, batizou o seringal de sua propriedade com o nome Calama, em homenagem a um importante feito histórico registrado no oceano no Pacífico. Asensi, no entanto, não informou a que feito histórico se referia e nem os motivos que o levaram a homenagear o tal feito histórico.

Nessa guerra, de acordo com Neiva (2019 p. 78),

a Bolívia, por sua vez, foi destituída da importantíssima província de Antofagasta, que era a única localidade de seu território que tinha acesso para o Oceano Pacífico e, até os dias atuais, o Estado boliviano continua sem saída soberana para o mar.

A importância dessa informação bélica para Calama, município de Porto Velho-RO está, exatamente na existência de uma possível relação com o nome da cidade chilena, de Calama, capital da Província de Antofagasta. Essa cidade foi palco da batalha de Topáter, ocorrida no dia 23 de março de 1879, uma das mais decisivas para a vitória chilena.

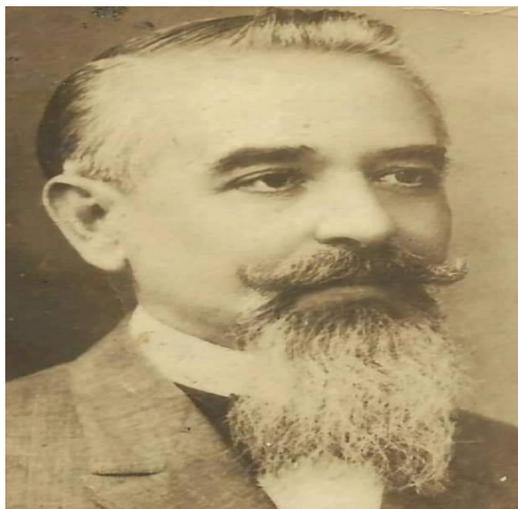


Figura 6: Carlos Miguel Asensi

Fonte: gasparvieiraneto.blogspot.com - 2020

Em relação a afirmação de Lima {s.d.}, de que, no ano de 1877, Calama teria passado a ser a sede da Empresa Calama S.A., diverge da apresentada por Davi Avelino Leal (2013), em sua tese de doutorado intitulada Direitos e processos diferenciados de territorialização: os conflitos pelo uso dos recursos naturais do rio Madeira (1861-1932). Conforme citado por Leal (2013), a crise econômica gerada pela desvalorização da borracha obrigou os proprietários de seringais a buscar novas formas extrativas ou vender suas propriedades, como alternativas para sobreviver a crise. Em correspondência enviada em 28 de setembro de 1925, por Augusto Cesar Fernandes para o senhor Ricardo, sócios da firma Calama & Cia, trata da exploração das propriedades da firma situada no Médio e Alto Madeira informando que a ênfase da empresa será na exploração de madeira e na venda de lotes de terras improdutivas. Na perspectiva da venda de lotes, Leal (2013) afirma que, já no auge da crise, o Seringal Calama, foi vendido por Ramon Rocca, Asensi & Cia e Família Monteiro para Manoel Corbacho & Cia LTDA. Em 1925, a Corbacho & Cia LTDA vendeu o referido seringal para firma Calama & Cia.

Esta seção pretendeu, a partir das informações novas, aqui introduzidas, estabelecer um diálogo entre os autores, todavia, se o que antes era tido como certeza histórica, agora gera dúvidas e convida para novas reflexões a respeito do que está posto sobre a origem do nome Calama.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto da economia da borracha, Calama integrava uma classe social elitizada que se constituía por meio de alianças matrimoniais e por laços de compadrismo entre as famílias mais ricas que influenciavam a posse e a manutenção do poder político local. Com a crise da economia gumífera, os seringais do vale do rio Machado foram paulatinamente abandonados e muitos seringueiros se dirigiam a Calama exigiam o pagamento de seus saldos obtidos na produção da borracha, gerando conflitos de trabalho.

A origem de Calama é atribuída a seringueiros e caucheiros bolivianos no final do século XIX, estando entre as localidades que se formaram e se estabeleceram, as margens do rio Madeira, entre 1840 a 1920. De acordo com o mapa da Amazônia, do ano de 1870, utilizado para a navegação regular no rio Madeira, essa localidade era denominada Seringal São Roque, possivelmente ligado ao nome de Ramon Rocca, um de seus proprietários.

O Seringal São Roque, posteriormente denominado Seringal Calama, tinha como proprietários, Ramon Rocca, Asensi & Cia e Família Monteiro. No final do Primeiro Ciclo da borracha, já no contexto da crise, Manoel Corbacho & Cia LTDA comprou o Seringal Calama, vendendo-o, em 1925, para a firma Calama & Cia, com a qual, permanece.

Há duas versões para a origem do nome Calama: na primeira, Borzacov (2007) defende que o nome Calama está relacionado a palmeira calamea, muito abundante na foz do rio Ji Paraná; na segunda, Asensi (1947) afirma que essa denominação é uma homenagem a um feito histórico que se registrou, certa vez no Pacífico, possivelmente uma alusão a guerra entre o Chile, a Bolívia e o Peru, na qual a Bolívia perdeu, para o Chile, a Província de Altofagasta, cuja capital é a cidade de Calama.

REFERÊNCIAS

ASCENI, C. No esplendor do Seringal Calama. [Entrevista cedida a] Aducto Rocha. **Jornal do Comércio**, Manaus, v. XLIII, n. 14.436, p. 5. maio/1947. Disponível em: https://memoria.bn.br/pdf/170054/per170054_1947_14436.pdf Acesso em: 17 nov. 2023.

BOTELHO, J.M.L. **Calama**: memórias históricas, geográficas e sociais. Porto Velho: Temática, 2021.

BOTELHO, J. M. L. Aspectos históricos, geográficos e políticos de Calama. In: **Porto Velho, urbanização e desafios para uma cidade centenária**. COSTA SILVA, R. G. (Organizador). 1ª Ed. Porto Velho: Temática Editora; Edufro, 2016.

LEAL, D. A. Direitos e processos diferenciados de territorialização: Os Conflitos pelo uso dos recursos naturais do rio Madeira (1861-1932) Manaus: UFAM, 2013. 276 f. : il. color. **Tese** (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) — Universidade Federal do Amazonas.

NASCIMENTO, L. B. Mato Grosso e Amazonas na disputa pela extração da borracha no Vale do rio Madeira (1970-1920). Cuiabá: UFMT, 2017. 131 f. : il. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Mato Grosso.

NEIVA, R. C. Guerra do pacífico: a história de uma derrota. **Cadernos Prolam/USP**, v. 18, n. 34, p. 74-94, jan./jul. 2019.

ROSA, P. S. Os portugueses no rio Madeira: imigração, estratégias políticas e sociais (1840 – 1920). Belém: UFPA, 2019 Dissertação (História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará.

VIEIRA NETO, G. (2020), Guerra na selva - os conflitos sangrentos entre seringueiros e índios no interior no Amazonas no início do século XX. Blog Disponível em: <https://gasparvieiraneto.blogspot.com/2020/08/guerra-na-selva-os-conflitos-sangrentos.html> Acesso em: 20.02.2024